

Reportagem Especial

VÍCIO EM DROGAS

A22047-1

Vício em crack atinge até médico

JULIA TERAYAMA/AT

Cada vez mais profissionais bem-sucedidos, como advogado e empresário, perdem carreira e largam família pelo crack

Michelli Possmozer

A realidade vivenciada nas ruas e em clínicas de recuperação para usuários de drogas revela que é cada vez maior o consumo de crack nas classes sociais mais altas.

Segundo relatos de médicos e pastores, há muitos casos de profissionais com curso superior, como empresários, advogados e médicos, que perderam tudo por causa do vício no crack.

A reportagem de **A Tribuna** tentou acesso a esses profissionais, mas os médicos afirmaram que não poderiam revelar a identidade de seus pacientes.

O médico psiquiatra Luiz Sérgio Quinteiros, especialista em Dependência Química, afirmou que tem pacientes que são advogados, promotores e médicos que renunciaram a carreira por causa do vício no crack. Ainda segundo ele, os casos aumentaram nos últimos anos.

“A doença da dependência causada pelo crack não escolhe, raça, credo, nem posição social. Atualmente, ela saiu da favela e entrou nos apartamentos”.

O pastor Adriano Pires, coordenador do projeto Horta de Vida Vem Viver, em Vila Betânia, Viana, contou que já ajudou vários desses profissionais viciados em crack.

“O ano passado, eu ajudei na recuperação de um médico que experimentou outras drogas ainda na faculdade e, depois de formado, foi para o crack e não conseguiu mais exercer a profissão”.

Ainda de acordo com o pastor, esse médico ficou viciado ao ponto de não conseguir mais conviver em família e foi morar nas ruas. “Ele passou por tratamento durante quase um ano e hoje está recuperado”, afirmou o pastor.

Segundo o coordenador do projeto Chamado para Viver, pastor Judson Matos, ele encontrou nas ruas de Vila Velha um psicólogo que tinha cinco faculdades, mas estava morando na rua porque estava viciado em crack. “Tentei ajudá-lo, mas após duas semanas ele voltou para as ruas e perdi o contato”.

O médico psiquiatra Fernando Fureri relatou que chegou a ver empresários perderem o patrimônio e a família por causa do vício.

BUSCA

Já o médico especialista em Dependência Química João Chequer admitiu que tem pacientes com nível superior viciados em crack e atribui o vício à busca por drogas mais fortes. “As pessoas começam a procurar drogas com efeito mais drástico e rápido e acabam chegando ao crack”.

TRAFICANTE

“Meus clientes vão do morador de rua até juizes”

Na condição de não ter a boca de fumo onde trabalha nem o nome divulgados, um traficante de 29 anos contou como funciona o tráfico de drogas em uma das cracolândias de Vitória.

Ele relatou que durante noites e madrugadas já viu pessoas com nível superior pararem nas ruas porque perderam tudo o que tinham para as drogas. E esclareceu que, todos os dias, vende crack para pessoas da alta sociedade.

A TRIBUNA - Por que você vende drogas?

TRAFICANTE - Para sustentar o vício, né? Não tenho alternativa. Terminei o ensino médio e até cheguei a trabalhar, pois fiz um curso técnico em contabilidade. Mas um primo me apresentou a cocaína, aí eu fiquei viciado.

“Morar na rua é perigoso. E esse pessoal da classe alta não fica na rua durante muito tempo porque não quer dar pinta”

> E você usa só cocaína?

Não. Uso cocaína e crack. E vendo crack aqui, todos os dias à noite e durante as madrugadas.

> Que tipo de clientes você tem?

Vendo drogas para todo tipo de pessoas. Meus clientes vão do morador de rua até o pessoal da alta sociedade.

> Quem são essas pessoas da alta sociedade?

São médicos, advogados, empresários, policiais e até juizes.

> Hoje veio algum desses aqui comprar com você?

Agorinha mesmo, acabou de sair daqui um grande advogado que atua em Vitória. Ele comprou R\$ 1 mil em crack comigo. Só não posso falar quem é, mas por semana ele gasta cerca de R\$ 3 mil por causa do crack.

> E ele fuma aqui, com todo mundo?

Não. Ele geralmente fica uma horinha aqui, no máximo. Depois ele vai para hotéis, porque não quer se expor. Morar na rua é perigoso. E esse pessoal da classe alta não fica na rua durante muito tempo porque não quer dar pinta.



USUÁRIOS DE DROGAS na cracolândia da Vila Rubim: “A dependência não escolhe posição social”, diz médico

Medo e insegurança na cracolândia

A sensação de que a morte pode ocorrer a qualquer momento é o que vivenciam usuários de crack que moram nas ruas.

A reportagem de **A Tribuna** percorreu quatro cracolândias em Vitória, acompanhada do presbítero Luciano Rodrigues, que já realiza abordagem a viciados.

Ao chegar na cracolândia que fica atrás da Vila Rubim, algumas

pessoas que fumavam crack se dispersaram. Já outras, foram até agressivas, ordenando que a equipe não chegasse perto.

Um ajudante operacional de 29 anos contou que é usuário de crack há 22 anos. No início deste ano, ele foi morar em uma cracolândia situada na avenida Beira-Mar para consumir a droga.

Ele ressaltou que tem casa para

morar, um filho de 8 anos, era casado e até passou por 10 internações em clínicas de recuperação.

“Perdi tudo e tive que ir para a rua, pois o máximo que consigo ficar sem pedra é uma hora. Tenho medo de morrer, mas a dependência é maior”, afirmou.

Outro usuário contou que já viu pessoas serem mortas por traficantes por causa de dívida de R\$ 10.

ARTE: ANDRÉ FELIX

O cérebro de um viciado

Como reage o usuário sob efeito de crack

1 Inalação

O dependente inala o crack através de um cachimbo. O vapor chega ao cérebro em 10 segundos e se espalha pela corrente sanguínea.

2 Sistema nervoso

A ação do crack no cérebro dura em média cinco minutos. Ele libera dopamina, que estimula o sistema nervoso. O humor oscila e há falhas na memória.

3 Sistema respiratório

O crack deixa os pulmões vulneráveis a doenças, como a pneumonia e ainda a tuberculose.

4 Coração

Aumenta a frequência cardíaca e a pressão arterial. Há chances de ocorrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Mas a maioria das mortes é por violência.

5 Músculos

O uso crônico da droga pode levar à degeneração irreversível dos músculos esqueléticos. O usuário também sofre de impotência sexual.



Reportagem Especial

VÍCIO EM DROGAS

A) 22047 - 2

“Perdi R\$ 50 mil para o crack”

Mesmo com formação em Administração de Empresas, carro e apartamento próprios, aos 25 anos uma gerente de um banco se deixou levar pelo crack. O resultado foi a perda de uma carreira e cerca de R\$ 50 mil em bens que ela vendeu para comprar drogas.

Hoje com 34 anos e após 15 internações, a administradora afirmou que se sente preparada para tentar recuperar os oito anos perdidos no mundo das drogas.

A TRIBUNA - Como começou a usar crack?

BANCÁRIA - Tinha 25 anos e estava num bar, numa roda de amigos. Fiquei curiosa porque vi que sempre que uma amiga fumava ficava diferente.

> Ficou viciada na primeira vez que fumou?

Sim. Eu provei, minha colega me ensinou como fazia e, no mesmo minuto, eu falei para ela me dar de novo.

> Usou outras drogas?

Sim. Aos 13 anos, por curiosidade, fumei maconha. Depois, fui para a cocaína, mas só cheirava quando saía para ir em festas. Já o crack me levou para o fundo do poço.

> O que você perdeu?

Fui gastando meu dinheiro aos poucos, a ponto de vender todos os meus bens. Tinha carro, lotes, contas bancárias e foi tudo pelo ralo. Se for colocar na ponta do lápis, perdi uns R\$ 50 mil para o crack.

> Chegou a morar na rua?

Praticamente, porque eu ia em casa apenas para retirar o pouco que tinha para vender. Mas eu frequentava mais os guetos, casas da alta sociedade utilizadas para o consumo de drogas.

> Existem muitas pessoas com curso superior nessa condição?

Com certeza. Psicólogos, dentistas, funcionários públicos e advogados, só que ninguém sabe desses casos porque, como eles têm dinheiro, usam drogas em motéis, pousadas e residência fixa.

> Como conseguiu sair dessa?

Minha sorte foi que minha mãe nunca desistiu de mim. Em abril, ela me buscou na rua. Com 1,69 de altura, pesava somente 43 quilos. Pela 15ª vez, ela me levou para uma casa de recuperação.

> Está certa da recuperação?

Sim. Dessa vez, houve transformação. Hoje posso andar de cabeça erguida e pretendo voltar ao trabalho.



FERNANDO RIBEIRO/AT

BANCÁRIA, após 15 internações, se diz recuperada e pronta para voltar ao mercado de trabalho



ANTONIO MOREIRA/AT

Advogado abandona carreira

Um advogado de 36 anos não chegou a usar crack, mas abandonou o cargo de agente federal em um órgão nacional em função do vício na cocaína.

“A dependência te faz deixar tudo de lado, família, vida particular, e

passa a viver em função da droga”.

Após 20 anos no vício, com ajuda do irmão que é médico, o advogado se internou em uma clínica há oito meses e faz planos para o futuro. “Quero retomar a carreira e passar no concurso da Polícia Federal”.



ANDERSON LIBARDI, antes de passar por tratamento e virar fotógrafo, vagava pelas ruas consumindo crack

Ex-viciado se trata e vira fotógrafo

Quem vê hoje o fotógrafo Anderson Libardi Cardoso, 26 anos, não consegue imaginar que ele já chegou a vagar pelas ruas por causa do vício em crack.

Ele contou que aos 13 anos começou a fumar maconha e depois passou para a cocaína. Mas resolveu experimentar o crack aos 17, quando soube que a sua namorada, que estava grávida de três meses, havia sofrido um aborto.

Anderson, que sempre estudou em escolas particulares e já fazia estágio em uma grande empresa, pensou que poderia controlar o uso da droga.

“Na minha cabeça, eu achava

que não era viciado e poderia fumar mais uma. Até que chegou ao ponto que eu não usava só uma pedra por dia, mas 10”.

Embora não tenha ido morar na rua definitivamente, Anderson contou que vivia nas ruas de Carriacica porque não conseguia ficar sem consumir a droga. “As vezes, ficava dois dias nas ruas e depois voltava para casa todo sujo”.

Anderson relatou que sua família sempre tentou ajudá-lo, mas depois que retornava de uma casa de recuperação, ele achava que já estava recuperado. No entanto, acabava voltando para o vício.

O jovem contou que, aos 18 anos,

uma conversa que teve com a mãe o fez pensar em procurar uma forma de se recuperar. “Eu saía de casa e não sabia se voltaria vivo e aquilo estava matando minha mãe”.

Anderson foi para a cidade de Moeda, em Minas Gerais, e ficou durante um ano e um mês internado no projeto Resgatando Vidas.

Ele atribui o sucesso da sua recuperação ao apoio espiritual que teve. “Foi por meio da minha fé em Jesus Cristo que consegui superar esse vício”, ressaltou.

Há seis meses o fotógrafo tem o seu próprio estúdio de fotografia e faz planos para o futuro. “Pretendo fazer faculdade de Jornalismo”.

Maioria não tem recuperação

Apesar de alguns exemplos de ex-viciados em crack, segundo especialistas, conseguir deixar o vício não é a realidade da maioria que se envolve com essa droga.

De acordo com o médico psiquiatra Fernando Antônio Furieri, durante os 22 anos de experiência com dependentes químicos, cerca de 90% dos seus pacientes não alcançaram sucesso no tratamento.

“O prognóstico para quem usa o crack é péssimo. O tratamento é

muito ruim, pois mesmo que a pessoa se interne, as chances de recuperação são muito pequenas”.

O médico psiquiatra Luiz Sérgio Quinteiros afirmou que em seus 20 anos de experiência com dependência química apontam um índice ainda mais negativo. “Cerca de 4% dos pacientes usuários de crack conseguem se recuperar”.

Segundo Quinteiros, a recuperação para os viciados é tão difícil porque o crack age no núcleo do

cérebro e desencadeia compulsão e obsessão pela droga.

Já o médico psiquiatra Vicente Ramatis Lima afirma que, até hoje, não viu um usuário de crack se recuperar. “É ruim passar uma imagem de desesperança, mas mesmo que o paciente consiga se manter longe do crack, ele será dependente para o resto da vida”, explicou.

Segundo Ramatis, a pessoa que se afasta do crack deve evitar tomar e beber, pois pode recair.

O QUE ELES PROPÕEM



Prevenção

A única maneira de acabar com as drogas é realizando um trabalho de prevenção, com campanhas nas escolas, desde a infância.

Enquanto o governo gasta R\$ 1.500 por mês para tentar recuperar um viciado, sem ter a certeza se a ação vai dar certo, poderia investir R\$ 15 mensais por aluno com campanhas.

Francisco Veloso, especialista em Dependência Química



Rigor

A solução para a epidemia das drogas vai doer em todo mundo. O usuário precisa ser desincentivado e se consegue isso com maior rigor.

O usuário de drogas deveria ser punido pelo consumo, porque o seu uso aumenta a chance de se cometer delitos. Em momentos de crise, o Estado tem que ser mais duro até para salvar.

Fernando Antônio Furieri, médico psiquiatra



Instituições

Ainda não existem instituições públicas no País que consigam, de fato, recuperar um dependente.

É preciso criar instituições onde

sejam oferecidos serviço social, tratamento para a família, psicólogos e terapeutas para se conseguir recuperar o viciado. É um investimento muito alto.

Luiz Sérgio Quinteiros, médico especialista em Dependência Química